

A primeira vez a gente nunca esquece

Conheci o Rebas do Cerrado em novembro de 2009, mais precisamente no dia 29. Bundinha Invertida, esta foi a minha primeira trilha com o grupo. Logo quando cheguei fiquei impressionado com a quantidade de pessoas participando de uma trilha dominical. Que sensação gostosa de estar ali em meio àquele tanto de loucos. Bem, não é qualquer um que troca o conforto da cama quentinha até mais tarde por acordar cedo no domingo e pegar um monte de poeira e barro.

Logo no início uma pequena reta com residências em volta e em seguida uma descida emocionante - na primeira trilha tudo é emocionante - depois pequenas subidas, mas predominando os declives até a chegada ao pequeno riacho que pedalamos em meio as suas águas. Nossa que delícia estar ali, que maravilha conhecer aquele lugar. Não imaginava o que me esperava logo em seguida: uma subida terrível. É claro que desci da bike e a empurrei até chegar à sombra de uma árvore de frente a uma casinha. Descansei por longos minutos. Não estava me agüentando de tanto cansaço e essa parte era apenas o aquecimento para o que ainda me esperava.

Recomposto decidi subir na bike e tentar pedalar, acredito que andei aproximadamente uns 15 metros e desci novamente, não tinha força pra pedalar. Fui empurrando, empurrando e passaram duas pessoas girando, conversando, gargalhando e pensei: quando eu crescer eu quero ser assim!

Cresci. Não na estatura, mas na qualidade de vida e das pedaladas. Não parei mais! Antes eu andava bastante de bike, mas fui deixando-a cada vez mais de lado até que completei oito anos sem subir numa magrela. Decidi voltar a pedalar e não parei mais!

A primeira câimbra forte ocorreu na Tororó em 10 de janeiro de 2010. O primeiro capote no finalzinho da Córrego do Ouro em 18 de julho de 2010. Cena cinematográfica. Estava fazendo uma curva à esquerda e perdi o traçado, passei por uma pequena moita de capim e eis que havia um buraco escondido naquela moita. Não deu outra, foi um **salto carpado de frente com direito a pirueta**, sapatilha presa no pedal e aquela bicicleta assassina caindo sobre mim. Conferido os ossos e os pertences comecei a dar um monte de risada. Ainda bem que eu estava sozinho e ninguém viu aquele vexame. Mesmo com a queda, não parei de trilhar. Fui melhorando cada dia mais.

Sempre navegando pelo site do Rebas do Cerrado, percebi que a última viagem a Unai havia acontecido no ano de 2006. Sempre que encontrava com alguém da coordenação eu perguntava sobre quando seria nova viagem para a região. Como não larguei mais a bike e como tenho família em Unai, em todas as viagens a magrela me acompanhava para desbravarmos mais e mais da região. Conheci a Cachoeira do Zico Estevão no dia 27 de novembro de 2010, achei o lugar super bonito, mesmo tendo caído uma chuva torrencial no sábado a noite. A aventura no estradão foi em meio a lama, mas muita lama. Parecia até que havia chovido lama. A água no Rio estava barrenta e mesmo assim o local me encantou.

No dia primeiro de maio de 2011, ao completar a Taboquinha encontrei com o Edu e perguntei novamente: e Unai, quando volta ao calendário? De pronto escutei: você topa ir e mapear umas trilhas pra gente? A resposta foi um unísson **SIM**. Na ocasião foi-me solicitada uma trilha média 1 ou 2 para o sábado e uma difícil 1 ou 2 para o domingo. Pensei: fácil, já conheço a região. Liguei para os amigos, conversamos sobre os percursos, topologia e etc. Marcamos a data e fui conferir o que havíamos tratado por telefone. Emails pra lá e pra cá com a coordenação. Caramba, eu seria padrinho de trilha. E não apenas de uma trilha, mas sim de duas e ainda consecutivas e em outra cidade. Caramba II, que resposta. Será que vou conseguir mapear e marcar tudo direitinho como eles fazem pra gente? Bem, tudo detalhadinho e esmiuçado como temos todos os finais de semana eu acredito que não terei tempo hábil para azeitá, mas farei o meu melhor.

Rodei bastante com os **NBO's - Night Bike Originais de Unai** e fui marcando as particularidades dos percursos, anotando alguns detalhes, comprando alguns terrenos, passando alguns apuros, correndo de cachorro solto, fugindo de cobra cascavel e por ai vai.



importantes e partiu, partiu, partiu... Logo de frente ao acesso ao Bairro Industrial uma parada pois o Shinna – **NBO** – chamou no rádio e disse que haviam outras pessoas indo em direção ao nosso grupo. Aguardamos, reagrupamos e lá fomos nós naquele sobe sobe pelo asfalto. Alguns minutos após a entrada no estradão um pneu furado. Rosival chama no rádio e todo o pelote pára e aguarda o reparo. Pneu consertado, partiu, partiu... E lá vamos nós outra vez comer poeira. Muitos caminhões na estrada, muita poeira e muito perigo, eles insistiam em andar em velocidade alta, mesmo com aquele monte de biker's sinalizando para que diminuíssem.

Alguns sobe e desce e chegamos ao Boteco. Paradinha rápida, alguns tomaram uma Coca gelada, outros uma Amarela refrescante. Partiu, partiu... Mais algumas subidinhas e logo chegamos naquela **bem avisada descida**. Quem achava que era exagero pôde sentir o gostinho de passar dos 50 km segurando os freios. Ao final da descida, aquela água linda e gelada esperando para um **tchbum**. A turma mal ia chegando ao barranco e já ia largando bike para um lado, CamelBak para o outro, sapatilha aqui, capacete ali... Ninguém queria perder aquele visual e aquela água cristalina.

O tempo foi passando, os borrachudos aparecendo. É, não tem mais jeito de ficar, o sol está indo embora. Está na hora de partir! Alegria, que lugar lindo, que oportunidade. Eis que surge um caminhão pipa molhando a estrada e amenizando a poeira. Só que a poeira virou um barro mais grudento que Super Bonder e aumentou uns 100 kg o peso das bikes e ainda tinha aquela descida que agora era um paredão quase sem fim para alguns. Teve gente que foi empurrada, teve gente que empurrou, teve gente que até caiu parada! Quando os aguerridos biker's da cozinha venceram aquele Everest alguém murmurou: "**não quero ver bicicleta nunca mais na minha vida**"... Pensei: "puro devaneio, isso aqui é história pra contar e rir. E outra: amanhã tem mais".

Depois de muito pedala, empurra, pedala, empurra, a cozinha chega ao Boteco. E desce Amarela, refresca daqui, refresca dali, o sol brilhando bem tímido. Já estava na hora dele ir embora! De repente alguém grita: partiu, partiu... É um tal de ajeita farol, tira óculos e pedala, pedala... E a cozinha firme e forte no propósito de chegar ao final do percurso. E em meio àquela escuridão tem carro passando pra lá, carro passando pra cá, poeira subindo de tudo quanto é lado e o farol iluminando aquilo que parecia até uma neblina. Nessas horas tinha gente falando inclusive que havia sentido alguns pingos de chuva. Acho que era delírio provocado pelo sol da tarde, a Amarela do Boteco, o cansaço do percurso. Tinha gente falando até de lobisomem!

Cinco horas e meia depois da partida, chegamos novamente à Praça da Igreja Matriz. Que felicidade. Algum tempo mais tarde, todo mundo cheirosinho, confraternizando num barzinho e falando do caminho. É, não podemos ficar até tarde. Amanhã tem mais. No caminho até a casa do meu primo, lá estava ele: o cartaz feito pelos **NBO's**.



Domingo, todos recompostos e ávidos por uma nova aventura rumo ao desconhecido. Desta vez era a Cachoeirinha quem nos esperava. Hora marcada, grupo reunido, fotos, outro briefing, agradecimentos e partiu, partiu... Moleza, asfalto, subida leve, vira a esquerda e tome pó. Um pequeno trecho estreito cheio de poeira, estradão,

algumas subidas e descidas moderadas. A cozinha andando bem sem distanciar-se muito do pelote do meio. Logo no km 10 uma garota não estava mais agüentando pedalar. Conseguimos sinal no celular e voltei com o pai dela ao encontro de sua mãe para um resgate. Resgate feito, encontramos com o Tutu, um **NBO** desgarrado e que dormiu até mais tarde. Fomos ao encontro do grupo pedalando num ritmo frenético e intenso. Encontramos o grupo maravilhado com as águas na Cachoeirinha. Descansamos um pouco. E ai que tal conhecer o Brejinho?

Subidinha moderada com 2 km, ôba, single a direita. Subida curta mas acentuada, estamos nas **costas** de um morro. Que visual. Sobe, desce, equilibra, desvia de vala, pula cerca, desce, sobe, equilibra. E a cozinha sempre firme e forte, sendo colocada a prova. O sol já começa a exaurir as forças. Escuto outra vez: "**nunca mais eu faço uma trilha difícil na minha vida**" ai do outro lado alguém fala: "**vale estrelinha**". Essa estrelinha deve ser revigorante, pensei, ao perceber a determinação de alguns em alcançá-la. Vamos lá, é pra frente que se anda e é pra cima que se sobe. Km 20: e agora? E essa descida mostra? Como é que desce isso aqui? Montado? Segurando? Dando cambalhota? Bem é mais prudente descer pelo lado esquerdo segurando a bike e assim a cozinha fez. Ufa!

Parada pra reforçar o protetor solar e dividir a alimentação. Barra de Cereal pra lá, Tâmaras frescas pra cá. E não é que o rango da cozinha "**tava chique**". Tâmaras frescas na trilha. Coisas de Eva e Valéria.

Sobe, desce, vira, acelera, freia. A cozinha alcança logo a frente um grupo que estava recompondo as forças ao lado de um filete de água que ainda corria. Valéria soltou a bike, a bolsinha e atirou-se naquela água. Parecia até uma criança ganhando um brinquedo novo. Nova partilha de Tâmaras e vamos lá que o **empurra** agora é tenso. Vencido o obstáculo, "**daqui pra frente é moleza**", "**falta pouco**", "**olha a estrela**". Este era o incentivo à cozinha. Sobe, desce, empurra, empurra, empurra, empurra, desce, sobe, sobe, sobe, alguns com câimbras, alguns com fome, outros delirando. O que é aquilo? É uma miragem? Não é uma imagem! É a cidade! Mais uma parada a sombra e alguém descobre um tal de **capim cheiroso**. Teve gente cheirando aquilo, querendo mascar e tomar água pra ver se dava um barato, tamanha era a vontade de chegar logo de volta.

Após a quimera do capim cheiroso a pergunta da cozinha que não calava: ainda falta muito? E a resposta padrão: não apenas oito quilômetros. Achei até engraçado ninguém questionar como é que a gente andava, andava, empurrava, empurrava e sempre faltavam os mesmos oito quilômetros.

Subimos mais um pouco e lá estávamos no Morro do Cantagalo. Outra parada pra fotos, pra curtir o visual e vamos lá, só faltam mais oito quilômetros. Desce, desce, desce, sobe, empurra, empurra, desce. Chegamos à chapada, mais alguns quilômetros, uma fazenda. Teve gente jurando que já havia passado por ali naquele dia. Pensei: é o sol e o tal do capim cheiroso. Abre porteira, pedala, que barulho é esse? Hum, são os carros passando na rodovia. Missão cumprida, cozinha chegando para o almoço!

Bem, Unai 2011 foi a minha primeira vez como padrinho e a primeira vez fechando completamente a cozinha. E a primeira vez a gente nunca esquece!

Agradeço a **DEUS** pelos novos amigos que fiz e pela oportunidade de retribuir de alguma forma ao grupo o que tenho colhido e conhecido neste pouco tempo que voltei a pedalar.

Obrigado DEUS.

Obrigado meus amigos Unaienses.

Obrigado Rebas do Cerrado.

Carlos Junior

E pra você que não pôde ir, seguem algumas fotos

O que está esperando agora? Bóra, bóra, partiu, partiu...



## ZICO ESTEVÃO



## CACHOEIRINHA + BREJINHO





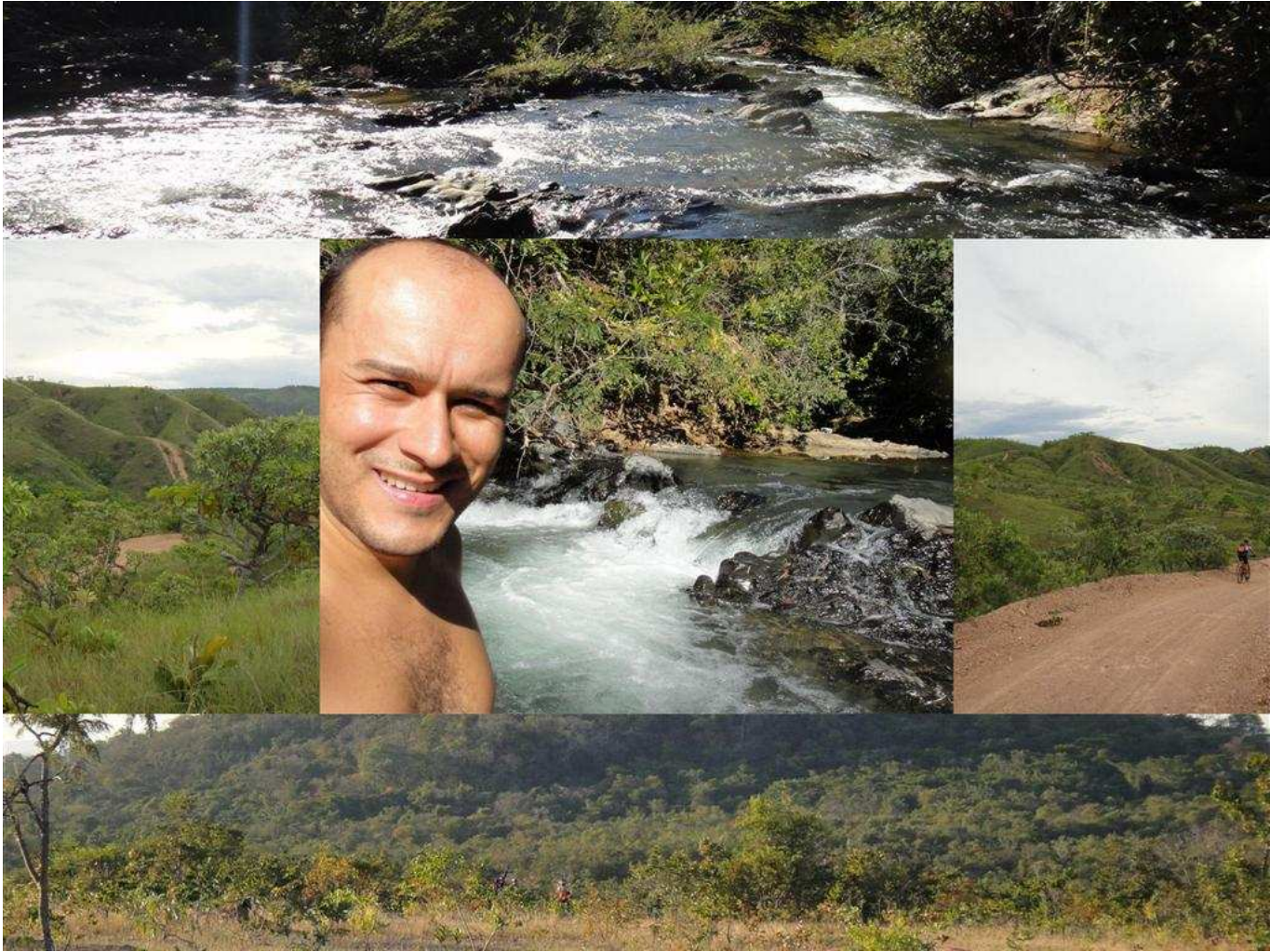
# **EXPLORATÓRIOS**

## **ZICO ESTEVÃO**





# CACHOEIRINHA





**RIO AREIA e MISTEL**

